



XVIII
SBGFA

SIMPÓSIO BRASILEIRO DE
GEOGRAFIA FÍSICA APLICADA

GEOGRAFIA FÍSICA E AS MUDANÇAS GLOBAIS

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ • FORTALEZA - CE • 11 A 15 DE JUNHO DE 2019

AS INUNDAÇÕES COMO EIXO NORTEADOR DE ATIVIDADES PRÁTICAS COM DISCENTES DO PRIMEIRO ANO DO ENSINO MÉDIO EM URURAI, RJ

Carolina Vieira Caldeira de Lima de Souza Almeida ^(a)

Adriana Filgueira Leite ^(b)

^(a) Mestre em Geografia pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia, Instituto de Ciências da Sociedade e Desenvolvimento Regional, Universidade Federal Fluminense, Email: v.c.l.s.a.carolina@gmail.com

^(b) Doutora em Geografia e docente do Programa de Pós-Graduação em Geografia, Instituto de Ciências da Sociedade e Desenvolvimento Regional, Universidade Federal Fluminense, Email: adrianafilgueiraleite@id.uff.br

Eixo: Metodologias para o ensino da geografia física no ambiente escolar

Resumo

Este artigo apresenta propostas práticas de atividades voltadas para o Ensino de Geografia Física por intermédio do tema inundações, aplicados em estudantes do primeiro ano do Ensino Médio na localidade de Ururái, Campos dos Goytacazes (RJ). Para a produção das atividades foram levadas em consideração a realidade da comunidade, a vivência dos alunos e as interações estabelecidas. A pesquisa que ocorreu entre 2015-2018 possuiu referencial teórico nas práticas de ensino, no currículo, nos processos de ensino e aprendizagem, nas competências, nas temáticas físico-naturais, nas inundações dentre outros. Foi aplicado a técnica da investigação-ação, questionários, entrevistas, análise de mapas temáticos, aula de campo, pesquisa do meio, apresentação de seminário, análise de grupo focal, além de diferentes tipos de jogos. Ao final, o desenvolvimento dessas práticas sob a perspectiva socioconstrutivista mostraram-se ferramentas eficientes na



XVIII
SBGFA

SIMPÓSIO BRASILEIRO DE
GEOGRAFIA FÍSICA APLICADA

GEOGRAFIA FÍSICA E AS MUDANÇAS GLOBAIS

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ • FORTALEZA - CE • 11 A 15 DE JUNHO DE 2019

construção de diferentes competências geográficas, reportando-lhes também uma perspectiva socioambiental, econômica e cultural deste fenômeno natural.

Palavras chave: Práticas de Ensino em Geografia; Ensino de Geografia Física; Inundações

1. Introdução

A inundação é um tema que ao ser trabalhado em sala de aula possui a capacidade de ir além da análise do fenômeno natural em si, abordando diferentes perspectivas como socioambiental, histórica, econômica e cultural, mostrando para o aluno como a relação entre sociedade e natureza influencia e é influenciada. Assim, este trabalho tem por objetivo principal apresentar como diferentes atividades práticas conseguem auxiliar o desenvolvimento deste tema em sala viabilizando uma aprendizagem significativa onde o professor reflita sobre sua prática em sala de aula e que os alunos consigam se apropriar de diferentes conhecimentos e técnicas sendo capazes de gerar seus conhecimentos.

Para Zabala (1998), a prática educativa deve estar pautada nos conteúdos da aprendizagem, abrangendo “todos aqueles que possibilitem o desenvolvimento das capacidades motoras, afetivas, de relação interpessoal e de inserção social” (ZABALA, 1998, p. 30). Logo, a pesquisa relacionada à prática educativa em geografia, possui um viés de “conjuguar, confrontar ou negociar conhecimento entre o que vem do exterior e o que há no interior (CASTELLAR, 2007, p.39).

O bairro (fig.1) onde foi desenvolvido a pesquisa faz parte da Baixada Campista que é uma grande planície flúvio-marinha marcada pela topografia plana e pela presença de uma extensa rede fluvial e de lagoas e sua população.



XVIII
SBGFA

SIMPÓSIO BRASILEIRO DE
GEOGRAFIA FÍSICA APLICADA

GEOGRAFIA FÍSICA E AS MUDANÇAS GLOBAIS

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ • FORTALEZA - CE • 11 A 15 DE JUNHO DE 2019

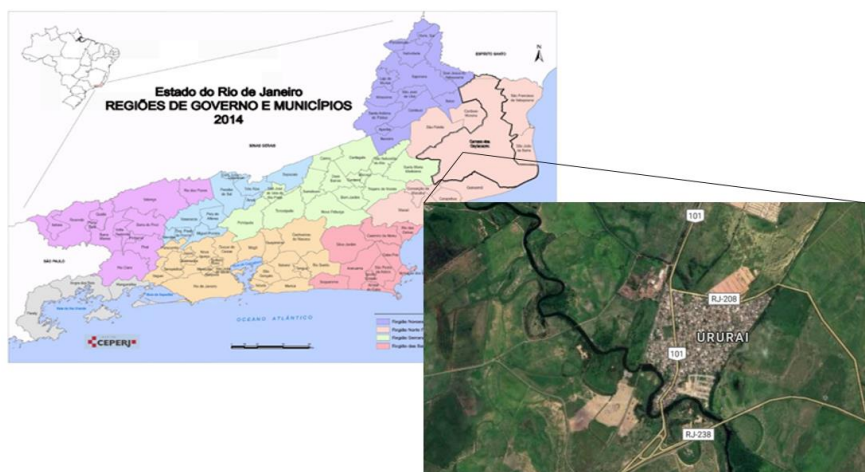


Fig. 1 – Localização de Ururái.

Fonte: adaptado da Fundação CEPERJ (2013). GOOGLE MAPS.

Entre os meses de novembro e março ocorre a estação úmida, entretanto historicamente as inundações de maior intensidade ocorreram entre os meses de dezembro, janeiro e fevereiro. Para Leite (2013), a região Norte Fluminense a qual Ururái pertence, apresenta chuvas concentradas no verão e baixos totais pluviométricos anuais. Ainda segundo a autora, os transbordamentos são eventos episódicos, contudo, quando ocorrem costumam ser desastrosos e causam grandes prejuízos socioeconômicos (LEITE, 2013, p.30). Exemplo de evento desastroso ocorreu em novembro de 2008 quando uma precipitação atípica nas cabeceiras ocasionou uma inundação de proporções até então não registradas, o qual afetou diretamente mais de 2.500 pessoas (NESA, 2016) no município de Campos dos Goytacazes, além de outras tantas de forma indireta, devido a obstrução e dificuldade de acesso nas principais vias de acesso da cidade.

Realizada no período de 2015 a 2018 com alunos do primeiro ano do Ensino Médio da rede pública de ensino localizada no bairro Ururái situado na cidade de Campos dos Goytacazes (RJ), a pesquisa procurou atrelar a prática de ensino de geografia física



XVIII
SBGFA

SIMPÓSIO BRASILEIRO DE
GEOGRAFIA FÍSICA APLICADA

GEOGRAFIA FÍSICA E AS MUDANÇAS GLOBAIS

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ • FORTALEZA - CE • 11 A 15 DE JUNHO DE 2019

ao fenômeno inundação, a fim de gerar competências e habilidades geográficas que possam ir além dos muros de uma escola.

2. Materiais e Métodos

2.1. Revisão Bibliográfica

A revisão bibliográfica para o estudo abrangeu conceitos como: inundação, vulnerabilidade, risco, perigo e desastre, pois para a compreensão deste fenômeno em Ururá era necessário o conhecimento prévio desses conceitos e como eles se articulam. Da mesma forma, foi necessário refletir sobre a articulação entre o ensino de Geografia e as inundações no bairro, bem como o caminho teórico e prático necessário para o desenvolvimento da pesquisa junto aos alunos. Por isso optou-se pelo socioconstrutivismo, já os procedimentos metodológicos adotados fundamentaram-se no método de investigação-ação, pois possui traço prático fundamentado na necessidade de resolução de problemas reais, permite ao professor investigar sua prática e ao aluno o estimula há uma tomada de decisão, uma maior participação a partir da análise de um problema vivenciado.

A opção pelo socioconstrutivismo e da IA teve como objetivo minimizar a dicotomia entre o ensino da geografia física e a humana, pensamento ocidental que levou a um aprofundamento da geografia física com uma “construção do conhecimento da natureza dividido em subáreas do conhecimento” (SUERTEGARAY, 2004, p.112), onde os “homens e mulheres não se encontram somente diante de desafios interpostos pela natureza, mas pelos desafios que colocam para si próprios” (GONÇALVES, 2012, p.36). Desta forma, cabe ao professor de geografia em sua prática proporcionar ao aluno um olhar mais integrado aos fenômenos naturais.

2.2. Procedimentos adotados na primeira etapa do trabalho



XVIII
SBGFA

SIMPÓSIO BRASILEIRO DE
GEOGRAFIA FÍSICA APLICADA

GEOGRAFIA FÍSICA E AS MUDANÇAS GLOBAIS

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ • FORTALEZA - CE • 11 A 15 DE JUNHO DE 2019

Ocorrida em 2015 com cerca de 120 estudantes do nono ano do Ensino Fundamental, esta etapa teve por objetivo principal definir e conhecer o público alvo, para tanto utilizado um estudo exploratório, a observação não participativa e um diário de campo, reuniões com os professores envolvidos e a aplicação de um questionário cujo objetivo principal era a realizar um levantamento sobre a percepção dos alunos sobre o meio ambiente, o ensino, o risco e as inundações. Os dados obtidos a partir do questionário foram tabulados no programa Excel e importados para o programa SPSS onde ocorreu a análise e interpretação.

2.3. Procedimentos adotados na segunda etapa do trabalho

Ocorrida em 2016 com cerca de 100 estudantes do primeiro ano do Ensino Médio esta etapa teve como objetivo a realização das atividades práticas com os alunos. Essas atividades foram realizadas em grupo já que favorecem as interações entre os alunos, a construção de novas competências e potencializam e enriquecem a aprendizagem (SEVERINO & SEVERINO, 2012, p.93). Dentro desta perspectiva, Veiga (2008) reitera que a “[...] influência recíproca entre os participantes do processo de ensino, [...] permite afirmar que os alunos não aprenderão apenas com o professor, mas também através da troca de conhecimento, sentimentos e emoções dos outros alunos” (VEIGA, 2008, p.105), isso porque quando se une alunos com diferentes habilidades e competências para a solução de um problema em comum, uma pedagogia diferenciada, sensível as diferenças surge enriquecendo todo o processo, como afirma Perrenoud (1999).

2.3.1. Vídeo

Com o objetivo de apurar a memória a respeito do evento de 2008, introduzir o tema inundações e explanar a pesquisa, o primeiro recurso utilizado com as turmas foi a apresentação de um vídeo de filmagem aérea a respeito do evento em questão.

2.3.2. Jogos



XVIII
SBGFA

SIMPÓSIO BRASILEIRO DE
GEOGRAFIA FÍSICA APLICADA

GEOGRAFIA FÍSICA E AS MUDANÇAS GLOBAIS

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ • FORTALEZA - CE • 11 A 15 DE JUNHO DE 2019

Ao longo do desenvolvimento das atividades, diferentes tipos de jogos foram realizados com os alunos. Esse procedimento baseou-se no princípio segundo o qual as atividades lúdicas “*envolvem ações estratégicas, emoção e raciocínio lógico*” que favorecem a ação educativa (STEFANELLO, 2009, p.112). Já Antunes (1999), acredita que o uso de jogos es sala de aula estimula as múltiplas inteligências.

De forma abrangente, tais atividades tiveram como objetivo desenvolver conteúdos, habilidades e competências estabelecidas na pesquisa juntamente com o currículo da série escolar com a qual se trabalhou.

2.3.3. Aula de campo

Em campo, foram analisados mapas temáticos mostrando a bacia hidrográfica da qual o rio Ururáí faz parte, e as inundações do bairro. Os alunos também utilizaram máquinas fotográficas e celulares para fazer os registros de imagens e as gravações de áudio da aula, além do caderno também para o registro da aula e anotações das observações de campo.

2.3.4. Pesquisa e apresentação de seminários pelos alunos

A pesquisa foi fruto da análise do meio iniciado nas aulas, desenvolvido durante o trabalho de campo e aprofundado pela pesquisa feita pelos alunos. Já o seminário foi a apresentação dessa pesquisa a turma.

2.3.5. Questionário

Um questionário adicional com perguntas de ordem qualitativa, quantitativa, abertas e fechadas foi aplicado aos alunos com o objetivo de obter a sua avaliação a respeito das atividades desenvolvidas.



XVIII
SBGFA

SIMPÓSIO BRASILEIRO DE
GEOGRAFIA FÍSICA APLICADA

GEOGRAFIA FÍSICA E AS MUDANÇAS GLOBAIS

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ • FORTALEZA - CE • 11 A 15 DE JUNHO DE 2019

2.3.6. Entrevistas com os professores participantes das atividades

As entrevistas realizadas com os professores tiveram o objetivo de debater os resultados obtidos após a análise dos dados.

3. Resultados e discussões

3.1. Resultados da primeira parte da pesquisa

3.1.1 A afetividade e as relações desenvolvidas no âmbito escolar

A maioria dos alunos (68%), possuía mais de 14 anos na época do levantamento e apresentava uma distorção de série, já que 55% já haviam repetido ao menos um ano escolar.

O dado levantado sobre a localização e o tempo de moradia no bairro foi relevante para estabelecer a relação que os alunos possuíam com o lugar. O lugar para esses alunos é visto de forma subjetiva possuindo referências “mais próprias da experiência vivida no cotidiano, como o de familiaridade, de afetividade, de identidade” (Cavalcanti, 2006, p.36). É esta referência de lugar ligado ao afeto que foi possível de ser verificado durante a pesquisa.

É importante ressaltar que as interações aluno-professor e aluno-aluno que se estabelecem no ambiente escolar fazem parte do processo de aprendizagem, e estas são intuitivamente percebidas e compreendidas pelos alunos tanto que associaram um bom relacionamento com o professor e a rede de amizades que possuem um fator facilitador da aprendizagem. Desta forma, não é possível negligenciar o papel da afetividade e da articulação desse com os aspectos cognitivos e social no desenvolvimento da aprendizagem.

3.1.2 A percepção ambiental e da inundações dos estudantes

O levantamento da percepção foi de significativa importância para conhecer o público alvo, a visão socioambiental que possuem, como eles se enxergam enquanto parte integrante do seu meio e as relações que são estabelecidas em seu lugar e com os fenômenos naturais.



XVIII
SBGFA

SIMPÓSIO BRASILEIRO DE
GEOGRAFIA FÍSICA APLICADA

GEOGRAFIA FÍSICA E AS MUDANÇAS GLOBAIS

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ • FORTALEZA - CE • 11 A 15 DE JUNHO DE 2019

O resultado de quando questionados sobre a definição de meio ambiente mostra que nem todos os estudantes conseguem compreender que o “meio ambiente” também é o espaço de convívio e vivência deles, dando assim uma ideia de que o meio ambiente como natureza. Durante esta parte da pesquisa, pode-se observar que muitos conceitos que estão interligados às inundações são alheios aos alunos, apesar de alguns já terem sido trabalhados em anos anteriores por outros professores. O fato desses alunos possuir pouco interesse em conceitos ligados às inundações pode ser preocupante, já que a falta de conhecimento sobre o fenômeno pode dificultar a prevenção de desastres ligados as inundações.

A respeito dos recursos hídricos presentes no município de Campos dos Goytacazes, menos que a metade (48%) se lembraram do rio Ururaí que faz parte do bairro, dado este que é demonstrativo do quão inexpressivo ele é para os entrevistados. A maioria (72%) se lembrou do rio Paraíba do Sul que é constantemente mencionado nos meios de comunicação. É importante ressaltar que este rio se encontra distante da localidade.

3.2. Resultados da segunda parte da pesquisa

3.2.1. Vídeo e jogos como recursos didáticos

Na primeira atividade foi utilizado o vídeo com o desastre de 2008, quando os estudantes localizaram alguns pontos de Ururaí em que ocorre frequentes inundações, procuraram suas casas e as dos colegas, fizeram o reconhecimento da ponte, da estrada, das ruas, tiraram dúvidas a respeito dos locais e ficaram impressionados com o volume de água transbordada.

O primeiro jogo, chamado de “Batalha naval”, teve a intenção de relembrar conteúdos relacionados à coordenadas geográficas (latitude e longitude) e a orientação.

No segundo jogo chamado de “Encontre os erros”, os alunos procuraram erros no mapa de Ururaí como: escala, legenda, posicionamento de ruas, praça, usina, rio, canal, entre outros. O fato dos alunos terem acesso a um mapa temático local permitiu que avançassem nas habilidades e competências referentes a sua leitura e interpretação. De acordo com os resultados obtidos, pode-se observar que a principal complicação para os alunos estava em encontrar os



XVIII
SBGFA

SIMPÓSIO BRASILEIRO DE
GEOGRAFIA FÍSICA APLICADA

GEOGRAFIA FÍSICA E AS MUDANÇAS GLOBAIS

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ • FORTALEZA - CE • 11 A 15 DE JUNHO DE 2019

erros que constituem os elementos básicos de um mapa. Quanto aos aspectos do bairro e sua espacialização, eles demonstraram possuir grande familiaridade com o mesmo.

No jogo “Descubra a inundação”, no qual a partir do uso de imagens do Google Maps impresso com dicas de coordenadas geográficas, os grupos colaram adesivos em locais em que ocorriam as inundações no bairro, os grupos demonstraram ter um conhecimento prévio sobre os locais que são mais vulneráveis.

Por fim no último jogo chamado de “Tabuleiro Humano”, pode-se observar que os estudantes apropriaram melhor de conceitos como inundação e risco. Os profissionais participantes relataram que não trabalham o tema inundação e desastre de forma isolada, mas em conjunto com o conteúdo próprio da aula. Em específico quando o tema do bimestre é direcionado a hidrografia, clima ou urbanização. Assim os alunos aprenderam como observar o risco de inundação, além de desnaturalizar o desastre. Sobre isso os professores apontaram esta dificuldade em seus alunos, que naturalizam sem compreender os processos embutidos nos desastres que foram construídos social e historicamente, não possuindo maturidade para entender e lidar com os desastres que acabam caindo no esquecimento.

Por fim, a visão dos alunos os diferentes tipos de jogos constituem uma ferramenta muito útil no processo de ensino e aprendizagem gerando polêmicas, debates e trocas de ideias que em atividades comuns não seriam possíveis.

3.2.2. Aula de campo e a pesquisa desenvolvida pelos alunos

Acerca da aula de campo, 71% aprovaram a atividade e 27% dos alunos não compareceram. Ainda sobre o campo, quando questionados se conheciam os locais, 20% informaram que residiam no local, 38% que conheciam, no entanto não frequentavam, 17% relataram que ocasionalmente visitavam pelo menos um dos locais e 20% afirmaram que nunca tinham estado nas paradas do campo. Esse resultado foi ratificado em campo, já que o



XVIII
SBGFA

SIMPÓSIO BRASILEIRO DE
GEOGRAFIA FÍSICA APLICADA

GEOGRAFIA FÍSICA E AS MUDANÇAS GLOBAIS

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ • FORTALEZA - CE • 11 A 15 DE JUNHO DE 2019

comportamento e estranhamento foi grande entre os estudantes durante a aula, mesmo que significativa parcela residisse em Ururá há mais de dez anos.

No que se refere à pesquisa dos alunos, quando questionados se prefeririam realizar uma investigação sobre o seu lugar, 25% afirmaram que não tinham interesse em pesquisar o seu bairro, pois consideraram difícil obter dados e outros alegaram que "conhecer outros lugares é mais interessante" (*sic*).

Enquanto isso, 66% dos entrevistados indicaram que prefeririam realizar a investigação sobre o seu bairro em razão de considerarem mais fácil obter informações, ou porque prefeririam adquirir conhecimentos sobre o seu lugar. Nota-se que a expressão "lugar" foi fortemente empregada pelos entrevistados. Desta forma, a Geografia "deve começar pelo lugar de vivência do aluno, explorando todo o potencial de seu conhecimento prévio e, com base nele, introduzir os conceitos científicos dominados pelo professor" (PONTUSCHKA; PAGANELLI & CACETE, 2009, p.136).

Em campo, ao pedir para que explicassem o que viam no primeiro mapa, alguns alunos distinguiam áreas mais altas e outras mais baixas, a coloração verde das áreas correspondente a vegetação nas serras e o percurso do rio. Nítido foi perceber que não sabiam de onde vinham as águas do rio, seus afluentes, o percurso dos sedimentos ao se deslocarem por longas distâncias e a influência dos mananciais na formação e transformação da paisagem.

Também perceberam os diferentes usos atribuídos ao rio: pesca, divertimento (banho), lançamento de esgoto sem tratamento e descarte de lixo. Além de realizar uma discussão a respeito do desenvolvimento deste manancial à montante e à jusante, sobre as áreas de deposição de sedimentos e o sobre o processo de eutrofização de suas águas. Com o mapa identificaram a localização da nascente, os afluentes e o local de desembocadura, bem como da área mais urbanizada e degradada, além dos trechos de serra e a vegetação presente na mesma.

4. Considerações finais



XVIII
SBGFA

SIMPÓSIO BRASILEIRO DE
GEOGRAFIA FÍSICA APLICADA

GEOGRAFIA FÍSICA E AS MUDANÇAS GLOBAIS

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ • FORTALEZA - CE • 11 A 15 DE JUNHO DE 2019

Os estudantes que participaram conseguiram ir além quanto a compreensão das inundações em sua localidade conseguindo relacionar a interferência do homem neste processo, mas nem todos conseguiram desenvolver tão bem uma visão crítica sobre os desastres, pois faltou a compreensão de como historicamente e socialmente o desastre em Ururá foi sendo construído.

Por fim, o uso do tema inundação como fonte de análise e o seu desenvolvimento com os alunos em uma perspectiva de educação em Geografia permitiu que diversos conteúdos, competências e habilidades relacionadas ao currículo do 1º ano do Ensino Médio fossem alcançados, além de proporcionar um conhecimento mais específico acerca de uma categoria de desastre que os afetava. Nesse sentido, o procedimento utilizado mostrou-se proveitoso na medida em que viabilizou o reconhecimento e a percepção crítica a respeito dos processos socioambientais atuantes em sua realidade, a partir da desconstrução e reconstrução de alguns conceitos trabalhados ao longo da pesquisa.

A pesquisa também forneceu dados que oportunizaram um maior e melhor desenvolvimento das práticas do ensino de Geografia, na medida em que as diferentes atividades levaram em consideração as percepções dos diferentes sujeitos que estiveram envolvidos no processo de ensino e aprendizagem.

5. Referências Bibliográficas

ANTUNES, Celso. *Jogos para a estimulação de múltiplas inteligências*. Petrópolis: Vozes, 1999, 300p.

CASTELLAR, Sonia. A psicologia genética e a aprendizagem no ensino de Geografia. In: CASTELLAR, Sonia (org.). *Educação geográfica: teorias e práticas docentes*. 2ed. São Paulo: Contexto, 2007. pp. 38 – 50.



XVIII
SBGFA

SIMPÓSIO BRASILEIRO DE
GEOGRAFIA FÍSICA APLICADA

GEOGRAFIA FÍSICA E AS MUDANÇAS GLOBAIS

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ • FORTALEZA - CE • 11 A 15 DE JUNHO DE 2019

CAVALCANTI, Lana de Souza. Base Teórico- Metodológicas da Geografia: uma referência para a formação e a prática de ensino In: ROSA, Dalva E. Gonsalves *et al.* *Formação de professores: concepções e práticas em Geografia*. Goiânia: E. V., 2006, 151p. pp.27 – 50.

GONÇALVES, Carlos Walter Porto. *O desafio ambiental*. 3ed. Rio de Janeiro: Record, 2012, 179p. (Coleção: Os porquês da desordem mundial. Mestres explicam a globalização, Organização: Emir Sader).

LEITE, Adriana Filgueira. Comportamento espaço-temporal das chuvas do Norte Fluminense (RJ). In: Leite, Adriana Filgueira; Gomes, Marcos Antônio Silvestre (orgs). *Dinâmica ambiental e produção do espaço urbano e regional no Norte Fluminense*. Campos dos Goytacazes (RJ): Essentia, 2013, p. 11 – 34.

NESA, Núcleo de Estudos Sócio Ambientais; Siqueira, Antenora Maria da Mata (coord.). *Relatório Cartografia socioambientais e mapeamento de áreas de risco de inundações no Norte Fluminense: subsídios a elaboração de sistemas de alerta*. Campos dos Goytacazes: FAPERJ, Universidade Federal Fluminense, 2016, 18p.

PERRENOUD, Philippe. *Construir as competências desde a escola*. Porto Alegre: ArtMed, 1999, 89p.

PONTUSCHKA, Nídia Nacib; PAGANELLI, Tomoko Iyda; CACETE, Núria Hanglei. *Para ensinar e aprender Geografia*. 3ed. São Paulo: Editora Cortez, 2009, 384p.

SEVERINO, Antônio Joaquim; SEVERINO, Estêvão Santos. *Ensinar e Aprender com Pesquisa no Ensino Médio*. São Paulo: Cortez, 2012, 142p.

STEFANELLO, Ana Clarissa. *Didática e Avaliação da Aprendizagem no Ensino de Geografia*, São Paulo: Saraiva, 2009, 159p.

SUERTEGARAY, Dirce Maria Antunes. Geografia física (?) geografia ambiental (?) ou geografia e ambiente (?). In: MENDONÇA, Francisco; KOZEL, Salette (orgs.). *Elementos de Epistemologia da Geografia Contemporânea*. Paraná: UFPR, 2004, pp.111 – 120.

VEIGA, Ilma Passos Alencastro. O seminário como técnica de ensino socializado. In: VEIGA, Ilma Passos Alencastro (org). *Técnicas de ensino: Por que não?*. 19ed. Campinas (SP): Papirus, 2008, pp.103-113.

ZABALA, Antonio. *A prática educativa: como ensinar*. Trad. Ernani F da F Rosa. Porto Alegre: ArtMed, 1998, 224p.